



PERSIA — KHOSROVAH.

KHOSROVAH é uma aldeia situada em delectosa campina, cêrca do lago de Ourmyah, e as tres ou quatro jornadas de Tabriz, capital do Asbaïdjan, que é uma das dez provincias em que se divide a Persia. Os seus habitantes, (mil e duzentos, pouco mais ou menos) são de origem chaldaica. Eram n'outro tempo nestorianos; hoje são catholicos. Ha perto de um seculo chegou ali um mancebo, vindo de Diarbekr, onde exercêra a profissão de tintureiro. Os missionarios dominicos haviam-no convertido ao catholicismo. Cheio de fervor, emprehendeu e conseguiu levar a cabo a conversão dos habitantes de Khosrovah, começando pelos seus aprendizes. Estes catholicos persas, laboriosos e intelligentes, têm por chefe espiritual o patriarcha geral da Chaldêa, e apesar dos impostos que os oneram, gosam de uma especie de abastança pouco commum nas populações sujeitas á auctoridade do schah. A Persia é pobre; os camponezes de ordinario vivem conjuntamente com toda a casta de animaes domesticos, em choças miseraveis. Em Khosrovah as casas são grandes, aciaadas e bem construidas, algumas têm jardins; e a cultura dos terrenos adjacentes prova mais conhecimentos agricolas e mais disvelo do que se suppõe entre os outros lavradores ou raïas. O snr. Eugenio Flandin, estimavel viajante francez, conta que vira pela primeira vez em Khosrovah serviram-se os cam-

ponezes de carros puxados a bufalos. Foi por ellé desenhada do natural a scena reproduzida na nossa gravura.

A pouca distancia d'aquella aldeia encontra se um baixo-relevo antigo, aberto na rocha, e que representa dois cavalleiros guiando cada um pelo braço um personagem a pé. Pela execução e estylo grosseiro d'este curioso trabalho presume-se que pertence ao periodo monarchico dos sassanidas (do anno 226 até o anno 642 da era christã).

MANUEL MARIA DE BARBOSA DU BOUAGE.

*Na Arcadia Elmano Sadino.*

Entre ferros cantei desfeito em pranto.  
Valha a desculpa, se não vale o canto!

IV.

A CARIDADE, terna irmã do infortunio, foi virtude innata n'elle, esmaltando-lhe a vida de rasgos admiraveis. A desgraça, retirando-se chorosa e desattendida dos palacios nunca bateu debalde á humilde porta do vate. Compassivo e sincero, verdadeiro co-

ração de poeta, não podia ouvir a dôr sem a consolar, nem vér a miséria sem a socorrer. Pobre, quanto possuía pertenceu aos pobres. O grito da afflicção, cortando-lhe as entranhas, deixava-o triste para muitos dias. Nem os prazeres, nem os triumphos, nem as promessas eram os mais fortes, quando se tratava de vestir os nús, e de matar a fome aos desvalidos.

Entre muitas anedoctas sabidas dos amigos mais ligados á sua convivencia, o sr. Castilho refere uma, que pinta sem disfarce a alma de Bocage. Dava-se uma festa, das que não se reputavam então completas sem o indispensavel realce da poesia; e o cavalleiro, que recebia em sua casa, julgaria o serão desagradavel; deixando de possuir Elmano, o rei dos repentistas, entre os convidados. Fallou-lhe, instou-o, e elle negou-se. A poder de instancias conseguiu em fim penetrar o segredo da reclusão do novo ermita. Não tinha sapatos, nem trajos decentes para apparecer n'uma companhia! Conhecido o obstaculo demorou-se pouco o remedio. Veiu o vestido, e segunda supplica de não faltar. O poeta prometteu; annunciou-se a vinda; esperaram-no até tarde; mas em toda a noute não chegou. Ao outro dia, indagado o motivo da omissão, um mendigo era quem a explicava. O pedinte, entrando-lhe pela porta, estendendo-lhe a mão: «Estamos em igual estado, meu amigo; não possuo real.» — Morrerei então de frio e fome!... — «De frio não queira Deus!» gritou Bocage com as lagrimas nos olhos, «vista esse fato, cubra-se com elle!» E deu-lhe quanto acabava de receber. Ha bem poucas acções que lembrem esta, não é verdade?

O poeta, despindo-se para aquecer o corpo de um mendigo, e ficando mais pobre e desconfortado do que elle, envergonha com a sua grandeza de animo sublime os moralistas de cartaz, que o laceravam, porque moço e volúvel não entrava nas igrejas em espectáculo de piedade, a fazer ostentações devotas. Como esta scena contam-se innumeraveis lances; e bastaria um para lavar bastantes culpas aos olhos de juizes, que avaliem as paixões segundo a enfermidade humana, e não pelo typo stoico das virtudes absolutas raras vezes attingidas. Quando a Magdalena ungiu os pés a Christo de aromas preciosos, e os secava com as tranças luxuosas apenas desenhadas das joias da prostituição, a macula passada não desaparecia diante da palavra do Salvador? Quando um santo repartia metade da capa com o enfermo quasi nú, os anjos não entoaram o hymno da bem-aventurança? Porque razão, mais severos do que Deus, deixariamos de exaltar a caridade, brilhando assim, e em nome d'ella não perdoaremos desvarios, que eram da cabeça mais que do coração? Severos como a verdade, seremos justos como a razão; do pé das sombras, não tiraremos a claridade que as dicipa.

Mas este engenho, que devia estar seguro de si, e erguer a cabeça sem receio de nenhuma nuvem, era devorado em poesia pelo mesmo ciúme, que o consumia no amor. Os applausos a outro feriam-lhe o coração. Costumado a ser o idolo dos auditorios, levou o orgulho ao excesso de impôr a admiração com tyrannia. Sentimos notal-o. Algumas vezes até a inveja, deformidade só propria de almas vis e de intelligencias infimas veiu arrastar-lhe o caracter, suando o veneno da satyra injusta em criticas sem outro motivo mais do que haver na obra dos emulos materia de elogio! Zeloso na reputação tomava como injurias os triumphos filhos do merito alheio. Não soffria que escutassem senão a elle; não queria que as ovações, com que se embriagava, coroassem outra frente, que não fosse a sua! O ardor da gloria, a loucura da aura popular cegavam-lhe a men-

te, e inquietavam-lhe o espirito. Para alcançar as acclamações ephemeras dos ouvintes, sacrificava tudo, desde o amigo mais fiel até á estimacão propria. Entregava-se em delirio ao frenesi das musas, e fazendo tribuna do primeiro logar, tomando para texto o primeiro mote, esparzia ao vento harmonias, (em quantas occasiões falsas!) subindo de esphera em esphera até, perdido o rumo, e esgotadas as forças, baixar do pedestal não o Apollo, mas o Bivio de uma improvisação gongorica e inintelligivel.

Este ciúme implacavel, este orgulho aggressivo, foi a origem dos dissabores, que o affligiram, e a causa fatal das manchas que em varias partes lhe desfeiam as manifestações do genio. Fallando de si esqueceu inteiramente a modestia, (esse pudor do engenho que tanto o realça e faz amavel) obrigando a posteridade a louvar menos do que elle. Se alguma vez é permittido ao homem grande exceder-se no elogio de si mesmo é só quando a calumnia e a inveja, desgrenhando as furias do libello, negam qualidades ou supõem vicios, que importam deshonor e vilipendio. Então sim, é licito, é decoroso, que a voz do forte se levante, e que o pé do athleta no interesse de todos opprima por um instante o corpo do reptil, que a impunidade faria audaz. Mas empolar a hyperbole, cantar o deus, erigir o altar, e só descobrir em si merecimentos para ser adorado, importa um cartel de insolencia e de ufania, que obrigaria a hesitar até a imparcialidade, se em Bocage as armas fossem menos finas, e o genio menos incontestavel. Nem Virgilio, nem o Tasso, nem o Dante penhoraram com ousadia semelhante o juizo do futuro, proclamando a servidão dos contemporaneos. Nenhum d'elles, apesar do diadema que os immortalisava, cantou nunca a apothose pessoal que Elmano não duvida repetir a cada passo:

Contra a nobre altivez, que em mim resurge,  
Uive o zoilo mordaz, injurias ladre!  
De rojo pela terra, a vil serpente  
D'aguia, que arrosta o sol, deteste os vãos!  
Sejam no tribunal do vulgo inerte,  
Sombra o fulgor, o entusiasmo insania...

Illusão! O fulgor não é sombra, quando como o sol despede raios puros, e brilha sobranceiro aos pantanos da inveja e da mediocridade! A aguia, com as azas altas, subirá sem o dardo dos zoilos a alcançar se, rainha pela força e pelo arrôjo, não humilhar os vãos, e não descaír para a terra cedendo ao pezo de paixões ingratas. O entusiasmo, quando o sentimento do bello o accende, e a grande inspiração dos bardos o toca, é furor divino, e não insania; mas o cantor de Leandro e Hero, o auctor do Tritão, e da Medeia, o Petrarcha portuguez, devia conhecer-se melhor a si, e não desmanchar a magestade da physionomia, descendo de principe na arte a mendigo de louvores sem nome! O nobre poeta Bocage não devia confundir a voz de Orpheo no aruido metrico das cigarras do Parnaso; porque, embora a adulação lhe votasse uma corôa em cada certame, ser ali o primeiro equivalia quasi a ser o ultimo!

Mas a ambição dos applausos era n'elle mais poderosa, do que o justo decoro do poeta. Nas ovações dos auditorios achava o deleite, o estrepito, e a embriaguez, que o louvor concedido á obra amadurecida pela reflexão, e dictada pela voz das musas não offerece. O impeto dominava-o; a adulação fazia-o desvairar. As palmas cortavam-se-lhe tão faceis nos delirantes improvisos do repentista! O verso obedecia tão docil á agitação do repentista! O gosto geral,

o exemplo de rivaes felizes, e a vocação invencivel chamavam-no por meio de tantas seducções, que arduo fôra resistir, mesmo a outro senhor da vontade, e menos cego com a falsa aura da popularidade.

Depois, a natureza tinha-o dotado de facilidade quasi sobrenatural para sustentar sorrindo as luctas, em que se esgotariam os mais robustos athletas. O metro era a sua lingua; a imagem a côr deslumbrante do pensamento; e a harmonia a sua voz constante. O canto estava sempre á flôr dos labios; sem esforço desatava-se em torrentes, e ainda a arder a lava fundia-se tomando fórmas elegantes, embora os moldes fossem os mais ingratos e estreitos.

Os repentistas formam um typo, com feições characteristics, na escola poetica que abraça os fins do seculo 18.<sup>o</sup> e o começo do actual. A paixão hoje da sociedade pela musica, e pelos recreios com certo verniz de philosophia amena, ardia então pelos duellos de Apollo, pelos combates de rimas, pela competencia de muitos concorrentes da gaia sciencia, que o furor divino não visitava a miudo, mas que os olhos pretos, azues, ou verdes das suas Analias, Marilias e Natercias faziam estremecer com a sacra chamma, (diziam elles) para martyrio do ouvido e da razão! choviam insulsas decimas e descabellados sonetos, coxos e enfesados filhos do adulterio da impotencia com o atrevimento. Os outeiros e abbadeçados se pultavam as orgias metricas em gulosos tumulos de fartes e de trouxas de ovos; os refinados e dulcificados galanteios e requebros da grade entre as esposas do Senhor, e os mundanos postilhões do Parnaso, entretinham o culto dos versos preciosos e sybilinos, com chaves de ouro nas allusões, e perfumarias ridiculas nos conceitos alambicados. No reinado de D. João V foi o apogeu d'esta forja de metrificadores incuraveis, cujos labirintos posthumos, cujas silvas cheias de espinhos, cujas colcheias enredadas engrossam as folhas de muitos volumes, dignos da fogueira expiatoria da ama de D. Quixote. Era a mesma loucura; e acabou pelo escarneo tambem! De toda essa plebe de Laras poeticos sobrenada apenas a memoria de um ou de outro pela influencia de escriptos mais serios, ou pela tradição do seu genio espirituoso. O padre Braz, o Camões do Rocio, e o Pinto Renascido pertenciam á pleiade, mas fugiam dos alaridos versificatorios quanto podiam. Eram repentistas com prazer, servia-lhes de thema qualquer puerilidade; porém tinham o siso de queimar com certa critica o que lhes parecia mais inferior. Assim mesmo dous terços do que amnistiaram podia arder ainda sem saudade dos auctores nem dos leitores.

Satyricos, e meio moralistas, escolhiam os locutorios e as salas para theatro das picantes, e ás vezes mais que nûas improvisações. Amavam, viviam a rir, e além do florete, que não duvidavam tirar da baímba a cada instante, a frecha do epigramma punia a rivalidade dos emulos junto das damas, ou a maledicencia dos invejosos junto das academias ou corrilhos, que tinham o sceptro da opinião litteraria e expediam os diplomas de merito aos aulicos das musas. O Camões escolheu para alvo dos gracejos um marquez torto, mau e parvo; e a voz publica murmurava depois da sua morte, que o corregedor do crime tinha recebido no sacco de areia, que o moeu pela mão dos sicarios, um testemunho cruel da estúpida vindicta do pavão da côrte. Thomaz Pinto renasceu ainda mais em odio, do que em engenho, pela rai-va com que perseguiu um frade, bastante desgraçado, para incorrer no seu desagrado, e que por este simples erro vemos arrastado a todos os momentos sobre uma esteira de gargalhadas. Em fim o padre

Braz, Pasquino de burel do seu tempo, solta a Nemesis chocarreira e a miudo improba, e não perdoa a sexo nem a idade!

Estabelecida a Arcadia do Diniz, e postos em vigor os mandamentos horacianos para restaurar o gosto, o mote e a glosa, o soneto vagabundo, e a decima enternecida acolheram-se ao sagrado dos serões poeticos e dos outeiros, aonde reinaram com absoluto imperio, rindo da austeridade dos pastores do Ménalo, e da solidão, que o povo, incapaz de os entender, fazia á roda do seu theatro correcto e dos seus modélos expurgados, acudindo ás operas do Judeu e ás lóas e desafios das romarias. O Garção em uma das peças comicas figura em maligna pintura uma d'essas assembléas da moda, com a aria obrigada da filha da casa, o dueto das manas, e as volatas de cravo, tudo realçado pelas decimas e quadras dos Fustotes.

A inclinação ao devaneio em verso manteve-se; e continuaram a homisiar-se nas traidoras afinções da rima quantos desvarios e absurdos passavam pela cabeça dos Coryanthos e Menalcas de casaca direita e fivella de pedras. Quando Bocage veio ao mundo; quando saiu da infancia (já o dissemos) achou a mania no seu auge; e á volta de Gôa, sentindo todas as disposições para representar o primeiro papel, metteu-se na onda, e concorreu para que ella nos invadis- se mais. Desde a procissão do Corpo de Deus e o serão da vespera até ao festejo do mais humilde convento, o outeiro apodera-se de tudo, e os repentistas applaudidos dictam as suas leis nos parnasos ambulatorios. Os auditorios e os partidos augmentam e hostilizam-se; a contenda anima-se com a presença dos rivaes; e á semilhança dos antigos torneios, os olhos pretos e o sorriso esquivo ou terno das beldades de penteado alto e espartilho longo, fazem estragos nas quadrilhas da rosa branca e da rosa vermelha. As guerras do alecrim e mangerona pelejavam-se em quadras e em tercetos com o ardor imaginavel. O Caldas, Lereno fusco e namorado, acompanhava-se á guitarra, improvisando louvores ás graças no occaso de algumas damas, que o retribuiam (diz Bocage) com pausas nas pitadas, e lagrimas nos lenços!

Com o genio e o orgulho de Manuel Maria, com o seu amor das ovações, e suas tendencias a exercer a supremacia despotica, que mais era preciso para o excitar, forçando o estro a prodigios de entusiasmo e de energia metrica?

Elle que nascêra cantor, a quem o verso corria dos labios como a limpha acode ás fontes, devorado de paixões violentas, queimado de desejos voluveis, mas impetuosos, possuia todos os dotes, que enriqueciam a veia prompta dos improvisadores da Italia, da Grecia e do sul da França. Imaginação intensa, celeridade de intelligencia, mimo de idéas e phrase colorida, tudo o soccorria a ponto, e lhe assegurava a mais decidida vantagem. As imagens, os pensamentos, e os versos multiplicavam-se com admiravel facilidade apenas a fâsca divina scintillava! Quando o visitava a inspiração, tão docil em o encher dos seus favores, quando com uma chamma subtil e azas d'ouro a poesia lhe vinha beijar a mente, dir-se-ia que a vida physica cessava n'elle para a alma dominar. Como nota o sr. Castilho (de quem tiramos estes lineamentos conservados pela tradição) julgar-se-ia que os sentidos exteriores sentiam para dentro, perdida a consciencia de quanto os rodeava.

Dispondo-se para recitar, o seu habito era reclinar meio corpo sobre algum movel, absorvido alguns minutos, e sem despregar os labios. Durante este periodo de curta incubação, em que as posses do en-

genho se concentravam, e a intelligencia estendia uma vista rapida pelos thesouros, antes de tentar a lucta, nem fallava nem attendia. De repente brotava o primeiro verso, e rapidos, cerrados e fugosos seguiam-no os outros. O semblante transformava-se; os olhos relampejavam; os gestos e as paixões, com eloquencia muda, acompanhavam a eloquencia da palavra, e traduziam a exaltação que o incendiava. O demonio poetico apoderava-se-lhe dos movimentos, estampava-lhe a expressão da belleza espiritual no rosto; e a alma vestida de fogo e de harmonia, subia a alturas que eram os precipicios também ás vezes do seu genio. Ao passo, que a torrente se despedia, que o soneto excedia o soneto, que o verso atropellava o verso, arrebatado na extasis da voz interior, e esquecido de tudo para só ouvir o deus, interrompia-se a miudo saudando elle proprio os prodigios que em roda faziam palpitar durante o silencio da admiração o espanto de auditorios numerosos. « *Isto não morre! Isto é meu!* » era o seu grito de triumpho. E depois, findo o ultimo terceto, e retumbando as salas de acclamações, com que audacia erguia a fronte, e exclamava: « *E magnifico; mas ahí vai melhor!?* » E novas peças a nascerem e a brilharem até que a voz e as forças desfalleciam sem se cançar a potencia creadora! Se a idéa se lhe principiava a offuscar um pouco, vilicava o cerebro, esfregando com rapidez a testa, ou machinalmente beliscando os peitos. Os dedos mettidos no cabello, em desalinho, mas em acôrdo com a desordem sublime da physionomia, eram outro movimento frequente em occasiões assim. A interrupção não o cortava; respondia; e a corrente proseguia sem se deter, porque a attenção não se desviava. A memoria, outro dom rarissimo no elevado gráu em que a possuia, guardava fielmente todas estas producções espontaneas, salvando-as do esquecimento, quando as julgava dignas de viverem.

(Continúa.)

L. A. REBELLO DA SILVA.



ARTISTAS CELEBRES DO SECULO XVIII.

João Francisco Saly, estatuário e gravador a agua forte de muito talento e originalidade, nasceu em

Valenciennes (França) no anno de 1720. É o auctor de uma estatua de Luiz XV, inaugurada na sua cidade natal, e de uma figura do amor para o paço de Bellevue. Em 1753, foi chamado a Copenhagen para ali fazer a estatua equestre do rei Christierno V, que se pretendia erigir na praça de Amaliemburgo. Recebeu pelo seu trabalho a somma consideravel de 50:000 rixdalers. Fez também em Copenhagen, para a companhia de negociantes do Levante, a estatua equestre de Frederico II, de que J. M. Preisler deu uma bellissima estampa. Saly foi director da academia d'aquella cidade, e membro das academias de Paris, de Florença e de Bolonha. Publicou uma serie de trinta vasos, que gravou a agua forte durante a sua residencia em Roma no anno de 1728. Quasi todos estes vasos são elegantes e ricos sem superabundancia de ornato. O que damos na gravura, cujas fórmulas estão perfeitamente indicadas, não é dos menos curiosos d'aquella formosa collecção.

O gosto hoje, n'esta especie de obras, é mui differente do que dominava no seculo 18.<sup>o</sup>; aproxima-se mais da elegante simplicidade da arte grega: entretanto não se devem perder de vista modelos similhantes, em que ha muito que admirar, e que imitar até.

Além da collecção de vasos, que citámos, desenhou Saly um grande numero de caricaturas, de que o sr. de Lalire gravou e fez publicar uma grande parte.

## ODIO VELHO NÃO CANÇA.

ROMANCE HISTORICO.

### CAPITULO XVII.

#### *A maldição.*

SAINDO da capella, o monge de Cister, que a escandalosa devassidão do seu barbato interrompêra no cumprimento de deveres sagrados, soube de um dos pagens que Martim Paes acabava de sair do aposento de sua irmã. A occasião era opportuna; e Fr. Munio não a quiz perder. Dirigiu-se sem demora ao sitio, aonde pousava a altiva dama, e principiou a subir os degraus da escadaria.

O primeiro impulso do frade tinha sido espontaneo, e filho do entusiasmo religioso. Tratava-se de arrancar uma victima ao inferno, uma alma ao desespero; e o meio unico era aquelle. Os desgostos pessoais, ou o máu gazalhado que naturalmente o esperavam, longe de entibiarem o seu zêlo, estimulavam-no. Sem o sacrificio das paixões e do orgulho do homem a boa obra, que anciava consummar, teria menos preço aos olhos do céu. O virtuoso monge estava prompto a offerecer até a cabeça em troca da vida e salvação do cavalleiro de Salzedas. O que o suspendeu de repente no meio da saída precipitada foi a reflexão de que todos os seus esforços se podiam resolver em fumo, como já lhe acontecera havia pouco. E o santo monge estremecia de receio só com a idéa de vêr também malograda esta tentativa, a ultima, porque depois della nada mais restava. Até ali não o tinha desamparado a fé. Confiando em Deus acreditára com demasiada facilidade na victoria. Mais perto do combate e no instante decisivo, a duvida e o temor, esfriando o coração, fizeram empalidecer a esperanza.

Conhecia o caracter de Maria Paes, caracter ro-

busto e inflexível, como o do mais aspero barão da sua epocha. Para ella os affectos meigos e as graças do sexo eram fraquezas, e caprichos imperdoaveis. Costumada a mandar, afeita a lutar com a vontade de Sancho I, aprendêra no largo noviciado da côrte a suffocar quanto podia embarçar a carreira do seu dominio. Mais de uma vez tinha visto formar as tempestades, e não arredando passo, pela sua firmeza manteve a disputada influencia. Os amores de uma rival talvez superior em belleza; o odio de muitos fidalgos e prelados; e os temores religiosos, que nos ultimos tempos angustiaram a longa agonia do seu real amante, todos estes perigos, capazes de abater o valído menos tímido não a desanimaram.

Resoluta, mesmo diante da aversão manifesta do herdeiro da corôa, assentou-se á cabeceira de Sancho I moribundo; e do mesmo modo que nos dias felizes o acompanhava nos prazeres e fadigas da vida, foi inseparavel delle nos dias de lucto e amargura. Só quando o véu do sudario cobriu um cadaver, e o sceptro escapou da mão inerte, rolando aos pés de Affonso II, é que a orgulhosa dama deu o seu imperio por acabado; e quasi como rainha viuva, respeitada e poderosa, saiu dos paços, aonde tantos annos morou a despeito de enredos e ameaças.

Para assim prolongar uma influencia que, (a fundar-se unicamente nas affeições ternas) ha muito que se teria desvanecido, D. Maria por força era dotada de animo viril, de engenho prompto, e de constancia rara. Nunca deixou de premiar o menor serviço, nem de punir a mais leve injuria. Dissimulada e vingativa, sabia escolher o momento, o logar, e a occasião para com o chapim bordado opprimir o collo armado dos cavalleiros, que a inveja, ou as contendas de raça, levaram a tentar contra ella uma lucta, de que nenhum deixou de sair crúelmente magoado.

Fr. Munio não o ignorava; e em segredo tinha admirado os recursos e o vigor de espirito, que a dama de Lanhoso desenvolvêra nestes lances. Mas por isso mesmo receiava mais agora. A injuria fôra muito grande para se esquecer. Ferida no orgulho e na honra, entre a sua formosura e o cutello do algoz, via preferido o cutello; ao brando collar dos seus braços antepunham a morte. Com duas palavras Gomes Lourenço lançou a filha de riba-Cávado no abysmo de abjecção, em que jazem as mulheres perdidas, que o mundo flagella com um nome desprezível. O cavalleiro fizera della menos do que a prostituta, que endurecida pelas apupadas do vulgo e dos bobos nem sente já arder o stigma do escarneo. Como lhe havia de dizer pois o monge: « Não te offenderam; esquece! ou fizeram-te uma injuria, perdoa! » Quem perdoava então uma affronta destas?

Fr. Munio previu que taes seriam as reflexões de Maria Paes, e não se enganou. Apenas saiu da sala, aonde Gomes Lourenço pediu a morte para a humilhar, a irmã de D. Martim correu a encerrar-se no seu aposento; chorando em segredo, não as lagrimas do coração, mas aquelle pranto convulso e agudo, que é uma especie de bramir de feras. A apathia succedeu ao primeiro impeto. Com o rosto entre os punhos por muito tempo adormeceu na insensibilidade physica, que trazem as crises moraes. Quem de leve a contemplasse naquelle estado julgaria talvez que a sua alma succumbia ao pezo da adversidade. Mas observando-a com mais attenção formava logo diverso conceito, percebendo mesmo no meio da prostração os esforços da vontade inabalavel, e distinguindo entre os gemidos o vigor de um character robusto, prompto em domar as fraquezas, e em vingar os ultrages. Momentos depois a raiva estrangulava na garganta

os suspiros, que se queriam desafogar. As lagrimas queimadas pela ira nem chegavam a molhar as pestanas. Uma vermelhidão sombria illuminava-lhe o rosto branco de jaspe ha pouco.

Assim desfigurada pelo odio, aquella formosura angelica tomava a expressão dada por um poeta á sinistra belleza do archanjo decaído. Eram tristes de vêr o sorriso convulso que morria nos labios; a vista ora accesa em chammas, ora mortal e fita; e a ancia nervosa, com que apertava o cabo do punhal pendente do cinto. Lucta medonha e implacavel! No peito da mulher que chega a padecer assim tudo expira menos as paixões fataes do orgulho e da vingança.

O monge de Cister, sem a vêr, adivinhava o estado da sua alma; por isso no cimo da escada lhe recuavam os pés, e hesitava a vontade. Estava entreaberta a porta, e dentro iam e vinham passadas irregulares. Fr. Munio duvidou se entraria. Com o corpo inclinado e a mão nos umbraes sentia desfallecer o animo. Por fim decidiu-se envergonhado, e batêu de leve.

— « Abri! » responderam de dentro. Abriu; mas apenas encarou com D. Maria a esperança fugiu. Antes de advogar a causa, conheceu que a tinha perdido irremissivelmente. Varreram-se do discurso preparado idéas e palavras. A severidade com que tencionava desarmar a resistencia do orgulho; a confiança no imperio da fé e da virtude; e a certeza das promessas divinas bastou o sôpro de um sorriso para o desvanecer. É que tambem nunca na sua vida vira um riso assim frio e cruel como o que deslisou na bôca della apenas conheceu o monge, e suspeitou o fim a que viera. Aquelle sorriso parecia deixar um rasto de sangue por onde passava.

— « A que vem aqui o devoto monge de Cister? » perguntou com ironia:

— « A trazer-vos esperanza e consolação. »

— « Não as pedi, meu padre! »

— « Mas deveis querel-as. Deus chama-vos; ouvi-o. »

A resposta foi uma risada, que era um soluço e um rugido ao mesmo tempo. Escutando-a o monge sentiu que o corpo lhe arrefecia; e que os cabellos, raros e brancos, se punham em pé de horror. N'aquelle instante envelheceu dez annos.

— « Quem vos chamou? » continuou ella severamente.

— « A lei de Deus, » replicou Fr. Munio com singeleza.

— « O vosso dever, era não entrardes n'uma casa aonde não sois chamado, nem desejado. Sai! Não perturbeis o repouso, ou a dôr dos que podem esquecer-se um dia da bondade, com que sempre vos receberam. »

— « Já pedi esmola ou mercê, senhora D. Maria Paes? » acudiu Fr. Munio erguendo a fronte. « Uma sêde d'agua, o pão negro da penitencia, e o abrigo de um tecto dá a todos o mais pobre villão, e sem o lançar em rosto, como os cavalleiros e donas de hoje: . . . Recebi mais de vós, ou de vosso irmão? »

— « Má occasião de prégar, padre! » atalhou a irmã de D. Martim, virando-lhe as costas.

Então voltaram dobradas as forças ao monge. O seu corpo tornou-se direito de um impeto; e os olhos penetrantes parece que liam dentro d'alma; estendendo a mão ousou tomar pelo braço, e suster á saída, a mulher orgulhosa diante da qual minutos antes vacillava. E quando, mais espantada do que raivosa, D. Maria o encarou, em vez do padre manso de palavras e humilde de coração, que estava acostumada a vêr, encontrou a magestade e a grandeza de um

propheta, annunciando a voz de Deus, e o castigo dos delictos.

— «Vê o que fazes, mulher!» bradou com força. «Uma, duas, e tres vezes foste avisada. Obedece, e desvia da cabeça o raio que derrete na fronte a corôa dos reis, converte em cinzas os marmores dos paços, e em desertos a grandeza das cidades. Olha que ha de perguntar-te o Juiz como ao filho do primeiro homem: «Caim, o que fizeste de teu irmão?» Com que bôca te defenderás? A vingança é cega e a soberba maldita... ambas perderam os anjos. Não escutes a voz das paixões; é o clamor do inferno... Offenderam-te muito; mas perdoar é ser grande, é ser misericordioso como Deus.»

— «É a vergonha, padre?»

— «Offerecei-a ao céu em sacrificio.»

— «E a deshonra, a infâmia do meu nome? Para esta injuria haverá perdão?»

— «Ha filha, deve haver!»

— «Cuspiram-me nas faces como ás prostitutas; e pedem perdão depois?! Não quiz elle antes morrer do que dar-me o seu nome, esse nome de reis e de principes!? Tinha dó dos seus annos, desejei salvá-lo, e como pagou a misericordia? Com affrontas. Preferiu morrer! Tem a noiva que escolheu! Não, padre, não ha perdão!»

— «Não sabeis a palavra que dissestes,» exclamou Fr. Munio suffocado. «Acabo de o vêr, de o chamar por todos os modos ao caminho do céu. As lagrimas saltam-lhe dos olhos, e diante da cova a sua lingua e o seu coração não dizem e não vêem senão um nome e uma imagem: a tua, Maria Paes! A recusa custou-lhe mais do que lhe custa perder a vida... a vida! o desgraçado não existe! Pena de saudade e desesperação! E se elle amasse? Se fossem zêlos, ciumes e magoas o que o leva a pedir a morte, terias animo para o condemnar?»

— «Que amores fataes!» murmurou D. Maria com tristeza: «Porque havia d'elle!... Não pôde ser, padre!... Por força um de nós ha-de morrer; depois do que succedeu não cabemos na terra os dous.»

— «Pela ternura de tua mãe, D. Maria!...»

— «Não posso. Quem arrancará o punhal das mãos a Martim Paes? Não o conheces? Eu mesma que pedisse era... escarnecida. Gomes Lourenço tres vezes se negou a salvar-me a honra, salvando a vida. Soube o que recusava. Deram-lhe a escolher; queixou-se de si se escolheu mal.»

— «E não teve razão? Enganado, trahido, o que lhe importava a vida? Que mais tinha elle no mundo depois de enganado no seu amor?...»

— «E elle não trahiu, não enganou? Não me teve cinco dias encerrada nas suas torres para a calumnia assoalhar, que a filha do solar de Lanhoso era a concubina do rico-homem de Salzedas, do valído de Afonso II? Padre, se elle amasse tinha-me negado a sua mão? Quiz vingar-se em mim, n'uma mulher! Amanhã se o deixassem iria contar aos cavalleiros moços d'el-rei como se compra barata a honra do solar de riba-Cávado... Por Santa Maria não o dirá! Ao menos não serei infamada pela lingua d'elle.»

(Continúa.)

#### ESTUDOS SOBRE A GUINÉ DE CABO VERDE.

##### IV.

*A aldêa dos grumetes. — Um bocado de historia. — Que gente é esta? — A correição. — D. Fr. Victoriano Portuense, e o convento de Bissau. — Da verdade á historia que distancia haverá?*

HAVIA já tres dias que eu estava em Bissau, e ainda não tinha visto a aldêa dos grumetes. Era neces-

sario satisfazer a minha curiosidade. O que diria eu de mim mesmo se recolhesse ás ilhas de Cabo Verde sem ter visto a antiga aldêa da Conceição? Esse nome, que perdeu não sei como, e que nenhum outro veio substituir (porque hoje é uma povoação anonyma) dava-lhe um não sei que de tão solemne aos meus olhos, como o tumulo, que encerra os restos de um heroe, cujo nome se transmite de bôca em bôca, de uma geração a outras gerações, mas sem que um epitaphio atteste a piedosa e obscura tradição. Ah Bissau, Bissau! o que foste, e o que és? porque motivo tudo o que está em roda de ti murchou e morreu, assim como tu murchaste e morreste?! Aquelle que pretender explicar a tua decadencia, e a de tudo o que te cerca, pelas indicações do methodo *Cousiniano*, como está longe da verdade, e de uma critica judiciosa!...

E comtudo não nos dão outra explicação esses que escreveram sobre a Guiné sem nunca a terem visto; ou que sómente olharam para ella, como eu olho para uma pintura chinesa!

Não quiz por mais tempo ouvir as reprehensões da minha consciencia, que me dizia sem cessar que nada havia debaixo do sol que não merecesse o estudo e o exame do christão e do homem politico. Desgraçadamente para mim, era eu então um homem politico, e devia tambem por tal titulo cumprir os deveres que essa qualidade me impunha!

Não esperei mais. Ao amanhecer do quarto dia eu, outro de meus companheiros de viagem, e um escravo da casa, para nos servir de guia, entrarmos por aquellas ruas estreitas e tortuosas da aldêa, a que só faltava para lhe dar a apparencia de Blak-Friars, esse bairro de Londres tão poeticamente descripto por Walter-Scott, a nevoa densa e opaca das margens do Tamisa, e as altas e esguias casas, que obscureciam as vias tortuosas, tão imprpropriamente chamadas ruas. Se me fosse permittido, eu diria que esta aldêa é um blak-friars em miniatura, que se transferiu dos nebulosos e enregelados climas do norte para os resplandecentes e calidos de um céu tropical. No mais, é a mesma população devassa, turbulenta e ebria; reina aqui o mesmo espirito de rapina, a mesma insubordinação á auctoridade exterior, e a mesma disciplina interna. Aqui as casas são de uma apparencia triste e lugubre, e a sua construcção denota ao primeiro aspecto a perfidia de seus habitadores. Tambem vi algumas habitações que não eram mais do que camarotes de vento, que alguns navios trazem no convez, e que provavelmente foram o despojo de alguma embarcação que tinha dado á costa, e que os actuaes proprietarios compraram aos negros das terras do canal. O que seria feito de seus inoffensivos habitantes?...

As casas em geral são construidas com estacas e lodo, e cobertas de colmo, ou palha secca, que se tira no tempo secco, e que se renova pouco antes da estação das aguas; sendo só durante esse tempo que n'ellas pôde penetrar o sol por entre as estacas encruzadas em que descansam as duas ou tres camadas de palha com que as cobrem. Na parte mais alta, que fica ao centro, e que fórma um angulo agudo, descansa uma viga de sive, e d'esta ao chão haverá tres a tres e meia braças de altura; d'esta viga pendem a um lado e outro grandes ripas, que descem até cinco palmos do chão, e que fazem dous alpendres (um pela frente e outro pelas trazeiras) de perto de uma vara de extensão. Debaxo d'estes alpendres está uma porta muito baixa, e uma ou duas janellas, que n'este caso ficam a um lado e outro da porta.

Por aqui se vê que quasi não tem luz nenhuma;

ainda são mais lobregas por dentro, do que negras por fóra; e todavia na côr mal se distinguem do chão! As casas são divididas interiormente em muitos pequenos cubiculos e estreitos corredores, por onde apenas poderá passar um homem. Cosinham dentro de casa, e como não tem chaminé, ou algum outro respiradouro, pôde suppôr-se a côr que terão aquellas paredes, e quanto isso hade concorrer para tornar soturnas taes habitações. Esta construcção é, com pequena differença, a mesma dos gentios.

O nome que tem de grumetes, e que lhes é commum com os de todos os moradores das aldêas proximas dos estabelecimentos militares, provém-lhes, na minha opinião, da natureza das suas occupações que se cifram em servir os habitantes da praça e feitoria. Assim como os que servem a bordo dos navios se chamam grumetes, creio eu que a estes servidores se lhes deu por imitação o mesmo nome de grumetes: outra explicação não a achei, nem me parece racional. Devo comtudo confessar que ninguem me soube dizer a origem d'este nome, e que tambem não é de grande importancia o achado para que valha a pena d'entrar em miudas e trabalhosas investigações. Sou, pois, sincero quando digo que não passam de conjecturas minhas, e só minhas.

Mas que população é esta; donde veio? qual a sua origem, e quaes são os destinos a que caminha? São portuguezes, como se chamam a si mesmos? são papeis, como parece pelos seus habitos, e pela aversão bem manifesta que mostram a tudo que é de Portugal? são christãos? são idolatras? eis uma serie de perguntas que é mais facil propor, do que dar-lhes uma solução que seja satisfactoria; porque mais de um antigo morador d'este paiz, mais de um viajante observador não tem sabido responder-lhes.

Não tentarei eu, que apenas me demorei alguns dias, decidir questões de que se tem occupado pessoas muito intelligentes, que se demoraram aqui annos, e que confessaram depois ingenuamente que não podiam resolvê-las apezar de serem muito mais auctorizadas do que eu.

Data esta população da epocha das primeiras conversões, devidas ao zêlo dos missionarios de que já fallei; com elles nasceu, e sem elles arrasta tristemente uma pezada existencia de que perde cada anno alguma parte até cair na valla que encerra as ossadas de seus paes. Ao principio, e assim esteve muitos annos, não passava d'uma feitoria de mercadores, deserta alguns mezes do anno, e os restantes bem pouco frequentada. Mais tarde vieram os missionarios, que pouco tempo se demoravam porque tinham d'evangelisar todos aquelles gentios, e de visitar as feitorias e christãdades sitas n'outros pontos; e alguns acharam a corôa do martyrio ao cabo de suas digressões. Os convertidos fugiam das selvas para se approximarem da humilde capella, para assistirem aos divinos mysterios e para praticarem com os seus padres, e assim se acercavam pouco a pouco dos mercadores, com quem, a final, estabeleciam relações, que a identidade de religião e de fim apertavam cada vez mais: os padres protegiam quanto lhes era possível os seus neophytos, faziam-nos empregar pelos mercadores nas cousas de seu serviço, e lhes obtinham materiaes para a construcção de suas choupanas; os mercadores afeiçãoavam-se a estes uteis commissarios, casavam-nos com as escravas, que forravam em premio de serviços; e assim foi crescendo e prosperando esta população, que chegou a contar mais de 600 almas, numero em que a achou, segundo se diz, o bispo D. Fr. Victoriano Portuense, quando mais tarde visitou Bissau pela primeira vez.

N'estes grumetes tinham os portuguezes auxiliares

leaes, intelligentes e bons, que os preveniam quando algum perigo por parte dos papeis os ameaçava: nas guerras que estes lhes declaravam reuniam-se voluntariamente aos seus protectores, e procuravam arranjar a paz entre os hospedes e os indigenas. Em recompensa d'esses serviços foram constituídos n'uma especie de municipio, governado por um juiz do povo, que elles elegiam, e que devia ser confirmado pelo capitão-mór de Bissau, o qual podia negar a confirmação, ou despojar de sua dignidade o confirmado, que o merecesse. Desde então começaram os grumetes a reger-se para uma especie de legislação particular, imitada dos costumes dos papeis, com quem tinham relações muito intimas, tanto pela identidade de origem, como pela sua posição topographica.

(Continúa.)

J. M. DE SOUSA MONTEIRO.

ENSAIO DE UMA DISSERTAÇÃO HISTORICO-CRITICA SOBRE OS FACTOS MAIS CONTROVERSOS DA HISTORIA DO CONDE D. HENRIQUE, PRIMEIRO SOBERANO DE PORTUGAL, E TRONCO DA AUGUSTISSIMA CASA REINANTE.

PRIMEIRO PONTO.

*De quem era filho?*

XIII.

TAMBEM lhes foi necessario darem algum destino a um certo Henrique da familia ducal de Borgonha, que florescia por esses tempos, e que morreu no habito de Cister pelos annos de 1130; e como poderia haver lembranças, de que este monge fosse reputado quarto filho do principe Henrique, pois falleceu em 1130, e então mesmo lhe faltaria alguma cousa para encher os setenta de idade, fazem monge de Cister o principe Henrique, filho do duque Odo (fundador do mosteiro), e assim forcejam por desviar toda a conjectura desfavoravel ao seu intento. Vendo-me pois obrigado pela força da questão a indagar os destinos do principe Henrique, irmão do duque Hugo, achei e provo, que este Henrique não é o fallecido em Cister pelos annos de 1130; pois é certo que elle acompanhava o duque, seu irmão, que tratando da sua morte, que sobre modo o angustiára, e de fazer esmolas pelo seu eterno descanso, usa d'estas palavras, que tambem foram transcriptas, posto que não felizmente, pelo chronista D. Fr. Angelo Manrique: «Ego igitur Hugo Dux Burgundiae, fratris mei Henrici morte turbatus, e illius dulci solatio destitutus, ad animae ipsius salutem expetendam etc. (1)» confessa ter perdido a doce consolação, que lhe trazia o viver com o principe Henrique, e mostra-se cuidadoso por lhe fazer quantos suffragios lhe fossem possíveis. Ora este modo de fallar e sentir quadrava bem pouco a um irmão, que se tivesse enterrado nos claustros de Cister, e que trabalhando ahi largos annos por merecer a palma celeste, não devia pôr em tantos cuidados a sua familia, que pela sua dôr excessiva mostraria, que não contava ter mais um protector no céu. Accrescenta porém o duque Hugo mais outra circumstancia importante, e é ser tudo quanto elle fazia de approvação de Joncerano, bispo de Langres. «Haec omnia Domnus Jonceranus Episco-

(1) Perard, na collecção já citada, pag. 221.

pus laudavit, confirmabit,» porém o governo d'este Joncerano apenas chegou ao anno de 1125; (caso não dimittisse o onus do episcopado em 1121, como alguns querem) pois em 1127 já o seu successor Wilenco andava no segundo anno do seu governo (1); além de que na propria collecção de Perard vem certezas, de que em 1129 não era Joncerano o bispo de Langres (2): de tudo isto reunido se conclue, que o monge de Cister Henrique não foi, nem podia ser o irmão do duque D. Hugo; que, se o fosse, como se apagara de todo em Cister a memoria de que o fundador da casa ali tivera um sobrinho monge?

## XIV.

Não sendo já desprezíveis estes indícios para que nos faltasse aquella segurança com que foram acreditados os historiadores francezes, accrescem varias circumstancias externas, que muito influem para o caso de avaliarmos o pezo das suas respectivas auctoridades. Pretensões da corôa portugueza já bem declaradas pela rainha de França, Catharina de Medicis, que se fez descendente da condeça de Bolonha, primeira mulher d'el-rei D. Affonso III; a continuualidade entre as casas de Bourbon e Austria, pois bem notorio é o ciume em que ardia a primeira, ao ver a segunda reinante em Portugal, moviam os historiadores francezes a preparar de longe os meios de se ligar, quanto fosse possivel, a sorte de Portugal com os interesses da França e um d'elles era deduzir a origem dos nossos reis do mesmo tronco da familia reinante em França. O primeiro, que assalhou o MS. de Fleury já em 1587 havia mostrado em uma obra, que intitolou *De la grandeur, preeminences et prerogatives des rois et du royaume de France*, o quanto era adverso á Hespanha, e aos seus principes, e o que trabalhou a já por vezes apontada *Genealogia dos reis de Portugal*, e que é tido geralmente por demonstrador d'esse pretenso axioma historico, recebia tenças dos reis de França, por haver escripto da precedencia dos reis de França aos de Hespanha, e fez imprimir em 1655 um *Tratado sobre os direitos do rei de França a muitos estados e senhorios então possuidos por muitos principes seus vizinhos*, em que forçosamente era incluído o rei de Hespanha, que foi o alvo principal dos seus tiros; d'onde se vê, que muito mais o interesse da sua côrte, do que a verdade historica o moveu a defender mui acaloradamente, que os reis de Portugal eram da linhagem *Capetiana*. O mais é, que tambem os interesses politicos influiram muito para que os dous portuguezes Fr. Antonio Brandão e Duarte Ribeiro de Macedo pugnassem por aquella opinião; pois é bem sabido, que o primeiro, suspirando pela liberdade da sua patria; e o segundo querendo promover, quanto n'elle era, a causa de Portugal na côrte de Paris, não só abraçaram facilmente, porém até defenderam com ardor o que lhes parecia vantajoso para os seus reis naturaes; e persuadam-se os meus leitores de que não foi esta a primeira vez, em que os interesses politicos arrastaram mui graves historiadores para escolherem de ligeiro, e sem exame, o que era mui conforme com as suas idéas e propensões.

## XV.

Mas que opinião se deverá adoptar sobre a genealogia do conde D. Henrique? Receando espantar os

meus leitores, e querendo preparal-os para um golpe, que sendo intempestivo causaria efeitos contrarios ao meu designio, proporei certas cousas preliminares e fundamentaes, que me serviram de guia para acertarmos, e não perdermos o tino. Quem é o historiador mais antigo que, sem fallar vagamente da estirpe de D. Henrique, nos apresente algum fio com que nos possâmos desembaraçar d'esta especie de labyrintho? E' o arcebispo de Toledo D. Rodrigo Ximenes, que nasceu em tempo do senhor D. Affonso Henriques, e já era adulto, e sacerdote nos ultimos annos do reinado d'este soberano, e que em pontos d'esta entidade não procederia sem que primeiramente fizesse as devidas averiguações; e por certo que na côrte dos reis leonezes e castelhanos haveria n'esses dias cópia de sabedores da linhagem do conde D. Henrique... Chama a este principe *congermanus*, primo co-irmão do conde D. Henrique, tendo já apontado, que viera das partes de Besançon: «*Quam (Theresiam) duxit Comes Enricus ex partibus Bisontinis Congermanus Raimundi Comitris Patris Imperatoris, etc. (1).*» Muito embora alguns modernos, para deprimirem esta auctoridade, accussem a ignorancia do arcebispo, que chamou condeça de Babylonia á condeça de Bolonha, o que só recae sobre os amanuenses, e nunca sobre um tal historiador (2); porém esses mesmos deveriam lembrar-se, de que elle, tratando da primeira rainha de Portugal D. Mafalda acertou, quando o Livro de Noa, a chronica MS. de Alcobaca, e o proprio conde D. Pedro erraram torpemente n'esta materia.

(Continúa.)

— Se só se pagasse aos medicos quando curassem, e aos advogados quando vencessem, haveria menos doentes, e menos demandas.

— Os homens attribuem ás instituições os males, que, muitas vezes, só provêem dos abusos.

— Olhâmos para os nossos merecimentos pela lente microscopica do amor proprio; sem este instrumento, talvez ficassem reduzidos a imperceptiveis atomos.

— O que beneficia um ingrato pratica duas virtudes: faz o bem, e esquece o mal.

M. CARVALHO — APHORISMOS.

Acha-se á venda no armazem de livros do editor do *Panorama*, rua do Ouro, n.º 227 e 228, o tomo 2.º das **Poesias de Manuel Maria de Barbosa du Bocage**, collegidas em nova e completa edição, dispostas e annotadas por I. F. da Silva: e precedidas de um estudo biographico e litterario sobre o poeta, escripto por L. A. Rebello da Silva. Contém 440 paginas, de 8.º francez: — preço, para os senhores subscriptores, pago á entrega do volume, 600 rs.; avulso 720 rs.

Os tomos seguintes publicar-se-hão successivamente, ficando a obra completa no anno corrente de 1853.

(1) Gallia Christiana, tom. 4.º, col. 572.

(2) Perard. Colloc. pag. 98.

(1) Chronicon. Edit. Granat. anni 1545, L. 6.º, cap. 21, fol. 54.

(2) Figueiredo. Orig. verd., pag. 24.